

remos recriminar o Governo, no contrario estando convencido, que elle breve dará publica satisfação á justiça, remedando males talvez occasionados, por inexactas informações, que o tenham induzido em erro, com redundâcia do seu descredito, e diminuindo tambem, dest'arte, a força moral do seu Delegado, a bracos com os tropécos d'administração, já bastante complicada, e quando alias, n'este caso o Delegado não pode ser responsavel pelos actos do Governo delegante, e mesmo de fucto tem provado não ter parte n'aquelle mal. Tampem não aprovamos dessidencias nascidas do nimio desgosto de muitos dos queixosos, ainda que com justiça, mas estamos convencidos, que elles tem sobrado patriotismo para não descontinuarem, em seus serviços e adhesão á ordem, e que esquecendo, a prôl da Patria e do bem geral, seu desgosto, e toda a sorte de ressentimento, reunindo-nos em torno da Cadeira Presidencial como centro da ordem trabalhemos unidos na segurança da Província, para salvar-nos das garras da Anarquia, em que as desuniões nos podem acabar de precipitar, e cada qual reclamaria depois seus direitos, por meios legaes e energicos: este é o voto do Guayba.

(O Guayba' de 4 de Outubro.)

## O Sete D'Abrial.

O DIA 2 DE DEZEMBRO.

O dia 2 de Dezembro foi solemnizado no Rio de Janeiro com toda aquella pompa de que é digno: o Povo Fluminense quiz dar ao Monarca provas indubitaveis de sua adhesão; e aos anarquistas de todas as classes quiz mostrar, que já os conhece, e que fôra da Constituição e do Trono não espera salvação. Não entraremos nôs nos pormenores do dia; podemos porém asseverar a nossos Leitores, que numca annos de Monarca, foram festejados no Rio de Janeiro com tanta pompa; os dias tranquillos de D. João VI e os de entusiasmo de D. Pedro I nunca lhe foram iguaes. O cortejo no Paço tambem foi explendido; e se não igualou á aquelles, que se faziam no tempo dos Augustos Pai e Avô do Nosso Joven Imperador, todos sabem a causa; todos sabem a diferença, que vai de uma a outras Cortes; todavia podemos asseverar, que foi superior aos que tem havido depois de 1831.

A noite o Imperador e Augustas Princezas honraram o Theatro do S. Januario com sua presença. O concurso foi explendido; os camarotes se achavam apinhados de senhoras todas em grande gala, diferente do que temos visto em outros annos, em que muitas pessoas se apresentavam como em qualquer dia ordinario. Lamentamos porém que ái não houvesse escolha de peça mais analoga: o Abbade L'Epée ou o Surdo Mudo certamente é interessante; mas não era proprio para a solemnidade de tão Fausto Dia.

Gracas mil ao Povo Fluminense; gracas mil por tão sinceras demonstrações de amor ao Monarca Brasileiro. Elle é o symbolo da Paz, da Concordia, e da União; é o pendão, em torno do qual devem batalhar suas batalhas os habitantes da terra de Santa Cruz. Saiba o Brasil e o Mundo inteiro que sabemos apreciar as vantagens, que nos resultam d'esse Ilustre Descendente dos Libertadores da Hespanha, e por isso da Europa, dos Conquistadores da Africa, dos Descobridores da Asia; de um D. Diniz, de um D. João II, de um D. Manoel, finalmente de um Pedro I. Praza nos Céos, que elle saiba imitar tantas virtudes.

### A 'Aurora' e o Sr. Vasconcellos.

A 'Aurora' não contente com a lama de casa, tem procurado ajuntar toda a que pôde, não já do tempo presente, mas folheando as colleções dos periodicos de outros tempos, e transcrevendo todas as inimundicias que n'elles encontrou. A tarefa é digna do bjaludor que ainda ha um anno fazia a graça de subir as escadas dos Ministros a implorar-lhes o seu favor em duas altas pretenções; que em suas folhas prodigalisa os mui pomposos elogios a aquelles, que hoje ataca com maior furor. Foi assim que foi esgravatar uma accusação infame, que se fez no actual Ministro da Justiça no tempo, em que o foi da Fazenda, pela compra de uma porção de chapinha de cobre feita a Guilherme Young. Esse negocio fez bastante bullia no Rio de Janeiro, para que nos devanmos demorar hoje muito com elle: nossos leitores hão-de estar lembrados da maneira vergonhosa, por que foi feita a accusação, e como o Sr. Vasconcellos na Camara dos Deputados pediu ao seu leviano acusador que lha fizesse em forma. Aí está o Sr. Dr. Saturnino, que não poderá negar, que foi desafiado nos termos mais formaes, a que a fizesse, como cumpria a um Representante da Nação, perante a mesma Camara que era a competente para tomar conhecimento do negocio: o Sr. Saturnino era então membro da Maioria, e o Sr. Vasconcellos estava na Minoria e em Unidade: apesar d'issso o Ilustre ex-Deputado nunca se atrevê a dar semelhante passo.

A Imprensa tambem se occupou com esses debates: o 'Jornal do Commercio' de 17 de Julho de 1833, e este periodico a 18 de mesmo mês, o Sr. Young apresentou uma conta especificada e motivada de

toda essa transacção, e poz em inteira luz o engano, ou antes a perfídia dos atrozes calumniadores do então ex-Ministro: nós não transcreveremos hoje semelhante exposição bastante extensa: rogamos porém ás pessoas, que estiverem esquecidas e se quizerem tirar do negocio, leiam esse Jornal, e o N.º d'este periodico a que nos referimos, que aí encontrarão a verdade de maneira a não poder duvidar d'ella.

O prestante redactor da 'Aurora' rediviva não estava a esse tempo em o Rio de Janeiro: viajava lá pela Europa; e provavel que por isso não esteja bem certo no modo, porque se passaram as coisas: e de certo o 'Espírito' da 'Aurora', que ao ouvido lhe batejou a leitura do 'Defensor da Legalidade', não lhe basejou a do 'Jornal do Commercio': não é a primeira vez, que o corneta da nova Liga se acha em engano. Lembramos porém no habitual Cirurgião ex-Diplomata que, para outra vez indague melhor as coisas antes de as escrever: veja se de algum modo se justifica da accusação, que por aí se lhe faz de sôr hoje orgão imunido de quanta calunia se quer resurgir de novo. Lembramos, finalmente, ao ex-Professor de Direito Público que estes factos foram passados antes de que aparecesse n'esta Corte o 'Jornal dos Debates'; e que a 'Aurora' atacando com tanta virulencia os homens, que tanto elogiou o 'Jornal dos Debates' de 1837 por factos anteriores á existencia d'este, fazem evidente, que motivos pessoais tem dirigido o papelão do redactor d'aquelles dois periodicos.

### Monte-Vídeo.

Pelo Manifesto de Fructo Rivera bontem publicado no 'Jornal do Commercio' e 'Despertador', sabemos que este assumiu a Dictadura da Cisplatina *momentaneamente*, isto é, pelo tempo necessário para restituir a paz e a tranquilidade ao Estado. Não faremos reflexões sobre o acontecimento: aproveitamo-lo tal e qual; e os amigos das republicas, que lamentem a sorte dos povos, que só na Dictadura podem encontrar a sua salvaguarda.

Por cartas de pessoas de todo o crédito se nos diz que o Dictador se achava muito indisposto com os rebeldes do Rio-Grande; a sôr assim não terá effeito o tratado que se diz feito com José Mariano de Mattos, cuja ratificação ficaria reservada para a entrada de Fructo em Monte-Vídeo.

### FANTASIA GORIA.

Volto o amigo Asmodéo. D'esta vez, disse logo que entrou: — queria fazer-te vér um espetáculo curioso. — Palavras não eram ditas, tira da algibeira um espelho, que não tendo a principio mais de uma polegada, se tornou logo mais alto que um homem, e com a mesma largura. N'este espelho vi eu, não a minha respeitável figura, nem a do meu engracado companheiro, como parece, que naturalmente devia vér; porém um aposento bastante grande, onde tudo era desorden: parecendo assim quarto de estudante, quanto ao arranjo, mas não quanto aos moveis, que antes parecia casa de Belchior. Mésas sem um pé, cadeiras com os encostos quebrados se viam por toda a parte; entre essas ruinas porém aparecia de longe em longe algum objecto do mais refinado luxo, e em uso tal, que parecia não servido. Havia no aposento muitos maços de papeis, todos com seus rotulos, que disio 'Mutuaria Picante', 'Justiciero', 'Defensor da Legalidade', 'Catão', 'Parlamentar', 'Aurora', 'Cidadão', e 'Filho dos sete... e não sei que outros. Em meio do aposento havia um leito, e n'ele um individuo, que mais parecia esqueleto do que homem. Por entre negros dentes e roxos labios lhe sahia negra espuma; sobre a cabeça lhe brincavam algumas cobras juraracas, víboras, e cascaveis; ao lado estava um archote azezo, que porém deitava pequena labareda, e já estava em resto. A este tempo vi que abria a boca, e me parecendo que fallava; não o entendendo porém, perguntei a Asmodéo, o que dizia aquella fúria, que assim me parecia: elle tocando-me nos ouvidos, me fez ouvir o seguinte: —

— E a tão triste e lastimoso estado me deixam reduzido! Bastantes serviços tenho feito: tendo corrido de uma a outra extremidade do Brasil; por toda a parte tenho querido lançar o fogo de meu archote; tenho vencido grandes obstaculos; e todavia assim me abandonou em meu leito infernal; meu archote, donde depende minha existencia, está a consumir-se; e esses que se me apresentaram como heróes destinados a sofrer tudo, nem a meu leito se chegão. Se o arrependimento podesse entrar em meu peito, eu me arrependeria; se meus olhos podessem verter lagrimas, eu as vertêra sobre essas ruinas fumegantes de Belém e S. Salvador, sobre os campos desertos do Rio-Grande; porém não... minha dor é porque morro à miseria, morro abandonado por aquelles, que em minhas mãos presaram juraamento de nunca me deixar.

Calou-se dando um profundissimo suspiro. N'este tempo entraram quatro individuos, que me pareceram, e depois verifiquei serem filhos do Divino Hypocrates. Vinha um alto, magro, alguma tanto corcovado, mui palido, e soberanamente calvo, o que buscava distilar com uma coroa de folha de flandres; vinha fazendo fregeitos, e momices, tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. O segundo era gordo, e bem anafado, alto e obeso; oculos fixos no nariz; seu ar era da confiança, da ativez e do orgulho; tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. Chegou-se o terceiro; este olhou com bastante compreensão para o archote, como para coisa que era familiar, trazia na mão um *bisturi*; tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. O quarto finalmente era alto e gordo, trazia oculos na testa, na mão um martello; tomou o pulso ao doente, e sentou-se em uma cadeira. Depois de alguns minutos de

silencio, principiou a discussão sobre o estado do enfermo. O primeiro fallou muito *no pôto do desterro*; e concluiu dizendo que com elle alimentaria o doente. O segundo fallou em *empréstimos e impostos*: oppoz-se aos alimentos, porque isso fôra voltar ao sistema de Brown, ou sér *regressista*, no que elle se opporia sempre: nada receitou. O terceiro mostrou o *bisturi*; e disse que como já fizera em uma praça publica de certa Cidade em ponto pequeno, e depois repelira em ponto grande, ainda que accusado e condenado, estava prompto a tomar conta do doente; e recitou *archotes e gurafas d'agua raz* em grande quantidade. O quarto ouviu longamente; falou em *bigornas e martellos*; por fim de enfatizado fallou-me a atençao, mas creio que quiz pôr o doente entre a *bigorna* e o *martello*.

E o archote cada vez se consumia mais; e a labareda lhe sendo menor; e o doente peiorava á vista d'olhos. Entrou então um sujeito vestido, ao que me parecêo, de *casaca limpia*, forrada de sobreescritos de Oficios, e não trazia outro algum emblema. Este depois de olhar para o enfermo, disse: — Peiora visivelmente; é necessário que faça testamento: eu, que já fui Escrivão, me encarregô de o escrever; entretanto vejão se mandão vir algum bom eclesiastico, que lhe assista em sua ultima hora.

A um assobio appareceu outro homem alto e gordo: ao velo dir-se-hia que era um pedreiro, porque seus vestidos estavão sujos de pedra e cal, como quem acaba de construir algum *pilar*: este se encarregou de chamar o Padre.

E enquanto elle foi escrevendo o Escrivão. No fim vi quatro Sacerdotes.

O primeiro com cara de malagueta madura e pernas de gallo da India apenas chegou perto do enfermo lhe fallou em *nymphas e mutucas*; o segundo fallou em *carrapatos*; o terceiro em moças, Paineiras, e Regente; o quarto em Regente, Paineiras, moças, e tretas; e nenhum se lembrou de lhe mandar fazer o acto de contrição.

E o archote, cada vez se consumia mais, e a labareda lhe sendo menor; e o doente peiorava á vista de olhos.

Mas eis que de repente entraram dois novos sujeitos; a um lhe não viam a cara, porém vinha em *chichellos* sem meias, e com um chambre de chita, e lenço de algodão amarrado na cabeça; dependurada nas costas uma rede. O outro trazia togas desembargatoria, limpo no parecer; e apenas, não sei por que, trazia umas couves na cabeça. Logo que o enfermo viu estes dois, lhes deitou a desinhada mão, que elles apertaram com afseição.

— Ah! por que me tendes desamparo? disse o doente. Vede como vai desinhando esse archote; vede minha vida por momentos...

— Não morrerás, disse o do chambre; eu ainda vivo, e com quanto muitos pensam que é inerte, todavia minhas ordens partem, e são executadas promptamente no Rio-Grande. Eis aqui o fiel Achates, cujo sublime genio nos afiança o bom exito das maiores emprezas. Não desanimes. Queres por ventura vér um effeito do quanto pôde o nosso amigo? E voltando-se para o da toga, disse: — Mostra quanto aínda pôdes.

O da toga fez tregeitos como um possesso: de repente levanta a voz, e grita: — Agitação, agitação! escravos... levantai-vos... — Estas palavras tiveram um effeito magico: de repente o archote, que era pequeno, ficou grande; a labareda abrazadora e brillante; o enfermo gordo e nedio: os assistentes se espantaram; e eu também: Asmodéo vendo o meu susto, disse: — Não te ateres; repara bem. — Reparei; e com effeito vi que o archote agora era um facho de palha sem mais outro algum atavio; o doente me parecia antes uma boga de vento, que verdadeiramente gordo e áudio.

— Então tudo aquillo é ficticio?

— É verdade: aquella voz já teve podér; hoje o não tem; o archote está a acabar, e o doente a expirar. Em breve deixará este Paiz. Adeos, que hoje não tenho mais tempo.

E foi-se.

## PARTE COMMERCIAL.

### PRAÇA DO COMMERÇIO.

Rio 4 de Dez. de 1838. (depois das 3 1/2 horas da tarde.)

#### CAMBIOS.

Londres ..... 29 ps. p. 18 rs. effec.

Pariz ..... 330 " 335 " Franco.

Hamburgo ..... 620 " M. de B.

#### METAL E MOEDA.

Ouro em barras ..... 144 per 010.

Dobrões Hespanhôes ..... 298400 a 298500 um.

" da Patria ..... " " "

Pesos Hespanhôes ..... 18790 " 18950 "

" da Patria ..... 18740 " 18750 "

Moedas velhas de 65400 ..... 158800 " 158900 "

" novas ..... 158000 " 158100 "

" — 48900. 88250 " 88300 "

Soberanos ..... 88200 a 88300

Prata ..... 83 " 84 per 010.

Cobre puncado ..... 1 e ao par a premio.

#### FUNDOS PÚBLICOS E PARTICULARES.

Apólices de 6 ..... 77 a 78

" 5 " " nominal.

Emprestimo Ministro ..... "

Acções da Comp. dos Paç. de Vapor ..... "

" Nithroy ..... 600 per 010

" Omníbus ..... nominal.

Moedas de Soccorso ..... 18 e ao par.

" Rio Doce ..... nominal.

Banco Commercial ..... 88 ai 88 des

## HISTÓRIA PORTUGUEZA.

### D. LIANOR DE MENDOZA, DUQUEZA DE BRAGANÇA.

O nosso illustre e joven *menestrel* mimoseou-nos mais com o novo e lindissimo *Romance*, que hoje apresentamos a nossos leitores, e confiamos folgarão de têr esta nova producção poética do secundo talento de nosso amigo. O assumpto é nacional; é o tragicó fin de uma inocente Princesa, vítima do tetrico temperamento de um inarido arrebatado, excitado pelo zelo indiscreto, talvez requintada hypocrisy, de um confidente arteiramente officioso. Foi mui bem escolhido, e aprovado este melancolico facto, para com elle compôr o bello Poema que hoje publicamos, e que o nosso eruditíssimo amigo começoou e concluiu, em poucas horas mais, do que aquellas, em que o facto se passou: esperamos por isso que esta producção poetica careará, quanto ella merece, a attenção do leitor; a Historia é fielmente seguida, o estilo do Romance plenamente sustentado, a dicção correcta, o ornato poetico, simples e natural: assim parece-nos que longe d'enva, o leitor achará tanto deleite, que não poderá despegar-se da leitura sem a levar ao cabo. E com grande pezar que o publicamos anonymo; não ousaremos violar a promessa de nós exigida de fielmente observar esta imposta condição . . .

Para mais facil intelligencia do Romance, ainda que o facto historico foi passado em poucas horas de uma azaia noite, e é exactamente desenvolvido, nós o fazemos preceder do seguinte Proemio, que fará as vezes de argumento, e foi extraido e sumariado do que extensamente narra o douto D. António Caetano no Tomo 5.º da Historia Genealogica da Casa Real no capítulo 8.º —

O Duque de Bragança D. Jayme era filho segundo-genito do desditoso D. Fernando 2.º, que juridica mas illegalmente sentenciado, foi decapitado em Evora nos 21 de Junho de 1483; a sentença proscreeu a infeliz Casa de Bragança, e lhe confiscou todos os seus dilatados Estados; a virtuosa Duqueza viu poude a tempo fazer passar para Hespanha seus tenros filhos, e entregalos ao cuidado de sua tia a Rainha Catholica D. Isabel. D. Felipe era o primogenito, e tinha oito annos quando aconteceu a fatal catastrofe de seu pae; D. Jayme contava apenas quatro, mas passados alguns aquele faleceu em Hespanha, e não sem vehementes suspeitas de ser morto com veneno, que também foi propinado a D. Jayme, talvez em menor quantidade. A opinião publica nacional havia altamente desaprovado o